

500
anos
Brasil

O alto preço que pagamos até hoje por tão belos espelinhos

*"Por me deixar respirar, por me deixar existir
Deus lhe pague!"*

Chico Buarque de Holanda

Por Thiago Mori

Dá-nos um prazer estranho, um comichão de orgulho incontido, toda vez que somos lembrados do meio milênio de nossa brasilidade. Chega a parecer que, se não o mundo, ao menos o tempo terá de finalmente reconhecer nossa grandeza. Isentamo-nos de maiores reflexões porque, afinal, quem precisa disso enquanto tudo são festas e fogos?

Fazemos certa questão de esquecer coisa ou outra da nossa História, a fim de tornar tudo mais épico e menos monstruoso.

Infelizmente, a realidade sorri meio amarelo a essas tentativas vangloriosas: entre os séculos XV e XVI, quando o homem europeu travou seus primeiros contatos com o Novo Mundo, a visão preponderante era de que nada existiria oficialmente sem o consentimento europeu.

Comemoramos, então, 500 anos do reconhecimento europeu de nossa existência. É que o diga o povo indígena!

Aliás, o termo "indígena" já é, por si só, uma denominação criminosa. Por acreditarem estar nas Índias, os europeus unificaram as inúmeras nações que habitavam estas terras sob o estigma de ÍNDIOS, por mais incongruentes que fossem sua língua e sua cultura entre si. E o pior: essa denominação errônea foi apenas um prelúdio às violências infinitamente piores que viriam.

Uma dessas nações violentadas, a Ofaié-Xavante, tem registros de sua existência à margem direita do rio Paraná datados de 1617. Tiveram no decorrer dos anos suas terras invadidas e então novamente delimitadas por sucessivas vezes, todo esse processo obviamente acompanhado de extrema violência.

Na década de 50, dispersados, abandonaram seu caráter inicial de caçadores/coletores e, sofrendo séria aculturação, passam a oferecer seus serviços aos fazendeiros da região em troca de mercadorias.

Na década de 70, foram declarados "extintos" pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e, em decorrência disso, os remanescentes dessa nação (que certamente não consideravam-se extintos) permaneceram até 1976 sem qualquer assistência do órgão.

Mais recentemente, as terras que ocupavam foram inundadas, atingidas pelo represamento do rio Paraná decorrente do processo de implantação da Usina Hidrelétrica de Porto Primavera, cujo empreendedor é a CESP (Companhia Energética do Estado de São Paulo).

Como consequência, a Comunidade Ofaié foi removida para uma outra área (na região de Brasilândia, Mato Grosso do Sul), adquirida pela CESP, onde estão desde 1997. Hoje (1999), sua situação não poderia ser pior. Os Ofaié são mantidos por cestas básicas (de qualidade inferior e em número insuficiente) enviadas pela CESP. Já passam fome *com* as cestas e, para piorar a situação, mesmo essas cestas básicas deixarão de ser enviadas a partir de outubro, conforme previa um acordo anterior. As possibilidades de auto-sustentação por meio da agricultura nas terras que hoje ocupam são mínimas, devido à baixa produtividade do solo e principalmente à ausência de um fluxo de água que possibilite a irrigação. Mesmo a água para o consumo próprio, retirada de um poço artesiano construído pela CESP, é de qualidade duvidosa.



Índias da nação Ofaié, em Brasilândia, Mato Grosso do Sul.

As 15 famílias restantes não exercem mais sua cultura e religião originais, tendo esquecido danças e lendas. Suas roupas, todas doadas, são as mesmas roupas humildes e surradas que podemos encontrar em qualquer favela ou cortiço urbanos, e nada têm que diga respeito à cultura Ofaié.

Mesmo a língua, que dou-me o direito de considerar a expressão máxima da cultura de um povo, até mesmo ela, não falam mais. As crianças não têm interesse em aprendê-la. As que falam, falam "mais ou menos", segundo as próprias palavras de uma das meninas da Comunidade, que tinha já seus 13, 14 anos. Os mais velhos são só olhares, e um olhar cansado que, em qualquer língua que seja, parece não ter ânimo para dizer mais nada.

O ensino eles têm: há uma escola na aldeia, mas o ensino é o mesmo do homem urbano, sem maiores cuidados quanto ao ensino de sua língua e de sua cultura.

Saúde eles não têm: os dentes das crianças são cariados e faltam até mesmo os medicamentos mais simples, como xaropes, etc. Para obterem qualquer apoio médico, devem locomover-se (a pé) até a cidade de Brasilândia. É esse o resultado de séculos de desrespeito, massacres e humilhações. A esses brasileiros não pode parecer outra coisa senão uma brincadeira de extremo mau gosto essa comemoração dos 500 anos do Brasil!

Desastre Ecológico de Porto Primavera

Quando tratamos de Porto Primavera, não se pode duvidar: foi um dos maiores desastres ambientais dos últimos tempos: foram duzentos e trinta mil hectares de Mata Atlântica destruídos. São dados tão assustadores como os do Parque Estadual da Lagoa São Paulo, única reserva a proteger os ambientes de várzea da região, que será quase toda tomada pelas águas da usina. A história da Usina de Porto Primavera, hoje denominada Sérgio Motta, localizada no Pontal do Paranapanema, começou em 1980 e desde seu início vem provocando indignações. Na época, nenhum estudo ou análise dos impactos ambientais provenientes da implantação da obra eram exigidos.



Com a criação da lei Política Nacional de Meio Ambiente (81), da Resolução CONAMA (86) e da Constituição Federal (88), coube à CESP - empreendedora do projeto - apenas e somente o dever de apresentar tais estudos para licença de operação. Elas exigiam maiores estudos e não aceitavam os fatos que motivavam o empreendimento. Elas foram então chamadas de alarmistas, pessimistas e contrárias ao desenvolvimento, porém nunca deixaram de lutar. As ações judiciais choviam. Os ambientalistas queriam que os empreendedores entendessem a inviabilidade da obra e, principalmente, evitassem o que ocorreu.

A Usina está operando. As notícias não são boas. Os animais, quando capturados, estressam-se; as ilhas desaparecem; há tristeza no olhar dos moradores e de todos aqueles que lutaram.

Fonte para este box: Jornal SOS Mata Atlântica nº 5 (1999)

Foto acima: A imensidão da represa.

Foto à esquerda: Usina hidrelétrica de Jupia.

CAMPANHA EM PROL DOS OFAIÉ

Participe, através da coleta de assinaturas, da mobilização em prol dos Ofaié: reproduza em uma folha (na qual caberão 20 assinaturas) o modelo de abaixo-assinado que segue. Colete quantas assinaturas puder e entre em contato por um dos E-mails abaixo para informar-se sobre o encaminhamento das mesmas. O abaixo-assinado será enviado ao Ministério Público Federal e exigirá da FUNAI e da CESP maiores providências quanto à situação dos Ofaié!

Fotos do trabalho realizado pelo Depto de Geografia da USP

Crianças da comunidade Ofaié conversam com os visitantes do Grupo de trabalho.



ELES ESTÃO MORRENDO

O povo indígena Ofaié está morrendo! Em 1900 eles eram 2000. Hoje são apenas 15 famílias. Expulsos sucessivamente de suas terras, assassinados aos montes, descaracterizados culturalmente e humilhados, ainda hoje lutam por sua sobrevivência como lutaram ao longo de sua história. Desalojados pela CESP (Companhia Energética do Estado de São Paulo), esquecidos pela FUNAI (Fundação Nacional do Índio) os Ofaié vivem hoje em estado de miséria numa reserva indígena em Brasilândia (MS) numa terra infértil onde não há caça, tampouco pesca. Nós, abaixo-assinado, nos indignamos com essa situação e exigimos providências urgentes da CESP e da FUNAI que efetivem imediatamente a reintegração dos Ofaiés às suas terras de origem e possibilitem condições necessárias para que possam viver.

Nome	RG	Assinatura

Contatos:
 ofaie@zipmail.com.br
 LEMADI-USP -
 (011) 818-3737
 Lab. Agrária
 210-2217 ramal 247